



Dia dos
namorados
e noite dos
solteiros

DA AUTORA DE *OS PARADIGMAS DE AMY*
ALEXIA ROAD



PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

**Dia dos namorados e noite dos
solteiros!**

Alexia Road

1ª edição

Rio de Janeiro

Edição do autor

2017

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © 2017 Alexia Road.

PREPARAÇÃO E REVISÃO

Camila Lima

Lunah Nunes

ARTE DE CAPA

Elias Gervanno

Camila Lima

FOTOS DE CAPA

Pablo Heimplatz disponível em Unsplash

PREPARAÇÃO E REVISÃO DE E-BOOK

Camila Lima

Edição Digital: novembro 2017

1ª Edição

Todos os direitos desta edição reservados a Alexia Road.

PERIGOSAS ACHERON

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização prévia (Lei 9.610/98).

Esta obra segue as normas do Novo Acordo Ortográfico.

Sumário

[PARTE I – IPANEMA](#)

[PARTE II – ESPAÇO 7ZERO6](#)

[PARTE III – LAPA](#)

[PARTE IV – BARRA DA TIJUCA](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[A AUTORA](#)

*Para Lunah e Camila, porque
quando achei que nunca mais
conseguiria escrever comédia,
vocês insistiram e acreditaram em
mim.*

Parte I – Ipanema

TODO MUNDO SABIA QUE FUMAR NÃO ERA BOM para a saúde. Crianças pequenas e que mal tinham aprendido a falar, quando me viam com um cigarro na mão, já gritavam “Que coisa feia! Que coisa feia! Mããããeeee, ela tá fumando!”. Bem, eu não era tola. Cigarro era a prova de como o ser humano poderia ser idiota. Basicamente, passávamos a vida inteira botando entre os lábios e dando dinheiro a algo que nos mataria mais rápido. E quando estivéssemos em nosso leito de morte, ainda diríamos “Ah, que merda! Eu poderia ter vivido mais”. É, poderia. Se tivesse sido esperto.

— Gwen, apaga essa merda e vamos logo para o aeroporto.

Pois é, eu não era esperta.

E, muito bem, essa frase extremamente delicada só poderia ter vindo daquela que, por ordem da vida, eu intitulava de melhor amiga. Avril era uma daquelas pessoas que apareciam sem você ter certeza no que poderia dar.

Pois, no nosso caso, o que mais tinha dado era confusão!

Nós nos conhecemos no ensino fundamental. Eu estava prestes a comer o *cookie* de chocolate e baunilha totalmente caseiro, enorme e cheio de gordura *trans* da minha avó Hill quando Avril apareceu no pátio: a morena com que todas as meninas sabiam que precisavam ter cuidado e que todos os meninos sonhavam em ter na hora de descascar a banana.

Avril sempre fora rápida em tudo, e isso também valia para a parte corporal. Não era culpa dela que todos a tinham sexualizado muito cedo, mas até hoje ela dizia o quanto gostava disso.

Resumindo a ópera: se alguma menina estava de *crush* com algum menininho da sala, Avril logo se metia na história para fazer o garoto babar por seus cabelos escuros, encaracolados e os peitos com as pontas apontadas para a lua.

Uma megera. Era o que eu tinha pensado até o ensino médio, quando ela me acompanhou em todo o processo da puberdade, impedindo que eu entrasse pelo cano em meus romances ridiculamente patéticos. Se um cara me chamava PERIGOSAS ACHERON

para jogar videogame na casa dele, eu imaginava centenas de jogos de tiro, salgadinhos espalhados pelo sofá e meias sujas esquecidas pelo chão. Já a Avril, imaginava o que era realmente verdade: o cara queria pegar nos meus peitos e depois contar para todo mundo.

Eu a chamava de suja e ela me chamava de tapada. Éramos brigadas e fomos inimigas até quase o final do segundo ano do ensino médio. Porém, as coisas se ajustaram, a mentalidade pôde se desenvolver (ainda que não muito) e fomos nos ajustando à personalidade uma da outra.

Eu tinha formação em Dança e em Artes Cênicas, e a Avril, em Cinema. Nós aproveitávamos nossas férias para viajar para lugares que sempre tínhamos sonhado em conhecer.

Só havia um pequeno detalhe: eu tinha um namorado mega chato. Porém, isso era história para outra hora.

— Último trago e tô indo! — gritei de volta.

Traguei o finalzinho do cigarro e joguei-o no cinzeiro que havia no jardim da minha casa.

— O carro chegou! — berrou Avril.

Corri para dentro de casa e peguei minha
PERIGOSAS ACHERON

mala, assim como as duas bolsas de mão, que continham meu computador, câmera, celular, Ipad e artigos de higiene pessoal.

— Não se esqueceu de nada, cabeça de vento? — Avril perguntou, vindo me ajudar. — Maria-bolseira, pra que essa merda toda?

Avril usava expressões e apelidos que eu nunca ouvira na vida aqui na Inglaterra, no entanto, ela era muito mais viajada do que eu e falava diversos idiomas, inclusive o do país para o qual estávamos a caminho.

— São dois meses, Avril, não uma semana. E você sabe que eu tenho um canal a zelar. Você bem que poderia levar a câmera, dessa vez.

Nós tínhamos um vlog, no qual postávamos nossas experiências em outros países, dando dicas e conselhos para quem quisesse. Era apenas um hobby para nós duas, e eu tinha de reconhecer que não era tão informativo quanto parecia, 50% do conteúdo era sobre nós duas fazendo merda ou nos perdendo.

— Eu levo, só anda logo.

O carro realmente já estava à nossa espera e só tive tempo de trancar a porta da frente antes que

PERIGOSAS ACHERON

o motorista viesse pegar nossas malas.

— Seu queridinho não veio? — Avril perguntou.

Prestei atenção no interior do carro e, como se pudesse sentir que era o assunto, Isaac saiu de dentro dele.

— Claro que veio — resmunguei. — Não começa, Avril.

Ela riu debochadamente.

— Fodam-se, vocês dois. Eu quero saber dos morenos que vou encontrar no Brasil.

Eu ri. Claro que ela queria.

O VOO FOI UMA MARAVILHA. GRAÇAS AO MEU namorado, Isaac, fomos de primeira classe. Ele possuía esse tipo de poder — as companhias áreas basicamente davam as passagens para qualquer destino que ele desejasse — tudo por conta de sua reputação como advogado.

Avril tinha enchido a cara de champanhe e veio tagarelando sobre o quanto estava animada para finalmente conhecer o Brasil, terra de paisagens maravilhosas, calor, bebidas refrescantes, morenos de arrasar e praias para todo lado. Como

PERIGOSAS ACHERON

era fevereiro, provavelmente pegaríamos um sol de rachar, mas estávamos preparadas.

Desembarcamos no Rio de Janeiro e seguimos para o bairro de Ipanema, em um hotel chamado Fasano.

Minha Nossa Senhora, o que era aquela paisagem? Dava para se perder com tal visão. O azul do mar parecia não ter fim, a camada de areia branca se mesclava perfeitamente com as ondas que quebravam sem parar, cada vez maiores. As pessoas caminhavam e se deitavam para tomar sol, as crianças corriam e pulavam sobre a água, os surfistas curtiam o dia com suas pranchas deslizando entre as ondas e gritavam de entusiasmo pelo tamanho delas. Eu nunca vira um lugar com tanta vida.

Mal pude conter minha ansiedade para conhecer mais sobre o Rio, então não me demorei no hotel. Troquei minha roupa por um biquíni que Avril acabara comprando para nós aqui por perto e deixei minhas malas no quarto que dividiria com Isaac. Ele estava ao telefone — para variar — marcando um encontro de negócios para mais tarde. E olha que hoje era o dia dos namorados na

PERIGOSAS ACHERON

Inglaterra! Talvez ele não quisesse comemorar, já que estávamos no Brasil, mas aquilo não me deixava muito satisfeita.

Ainda eram nove da manhã. Apesar de estar cansada por conta do voo, não podia pensar em dormir; havia muita beleza ali para ser explorada.

— Isaac, vou à praia com a Avril. Você vem? — perguntei baixinho.

Ele me olhou de escanteio, suspirou e pediu um minuto a quem quer que estivesse no outro lado da linha.

Percebemos a vontade da pessoa em me responder.

— Não, Gwen. Eu acompanho vocês no almoço, podem ir! — disse ele, sem nem pensar duas vezes.

O cara vinha para um paraíso desses e queria ficar no quarto falando sobre negócios? Bem, como dizia Avril: que se foda!

— Okay — respondi.

Ele se aproximou e me beijou brevemente nos lábios.

Mesmo depois de anos, não me sentia completamente apaixonada por Isaac. Não do modo

PERIGOSAS ACHERON

arrebatador como mostravam os filmes e as músicas. Nosso namoro era simples e convencional. Às vezes, me bastava... e às vezes, quando todos dormiam, eu desejava mais. Muito mais. E acreditava que ele também. Isaac precisava de uma esposa em sua vida. Alguém que desse prioridade ao seu trabalho, que pudesse se limitar a ser a mulher exemplar de um famoso advogado. Alguém que não pensasse duas vezes antes de ficar em casa cuidando de filhos, de eventos sociais e de suas necessidades.

Eu não me sentia pronta para assumir tantas responsabilidades e abdicar de toda a minha vida para servir à dele. Queria tempo para me achar como alguém de quem realmente pudesse me orgulhar. Também queria crescer profissionalmente, e Isaac jamais entendera esta minha ambição. Ele dizia que estava mais do que na hora de essa circunstância se adequar à minha vida. Nosso relacionamento era como uma bomba, e um dia ela explodiria.

Mandeí uma mensagem para Avril e logo nos encontramos no saguão do hotel.

Eu não entendia quase nada das conversas

PERIGOSAS ACHERON

ao meu redor, pois não dominava muito o português, mas Avril era fluente, já que desde de pequena fazia diversos cursos de idiomas e tinha uma tia brasileira. Ficaríamos dois meses no Rio de Janeiro, talvez eu conseguisse aprender algo mais da língua.

— Gwen! Você pegou protetor? — Avril, como de costume, nunca chegava suavemente. Ela surgiu ao meu lado como um espectro malvado e falou comigo como se estivesse ali o tempo todo.

— Peguei e já passei — respondi. — Quer emprestado?

— Você é uma besta, mesmo. Tanto moreno gato por aqui e você passa seu próprio protetor?

Eu ri e rolei os olhos.

— Você não tem jeito — neguei com a cabeça. — Sendo do seu gosto ou não, Avril, eu tenho um namorado.

— Um namorado que não sabe quase nada sobre você, não é? Vamos ser sinceras, você imaginou que aos vinte e cinco anos estaria com esse mala-sem-alça? Você está no auge, mulher! Precisa se divertir mais e se prender menos, e você

PERIGOSAS ACHERON

sabe disso.

Eu realmente não estava afim de pensar nisso agora.

— Abril, nós estamos a um passo do paraíso e eu não vou discutir com você — disse, já acostumada.

— Muito bem. Espero que você tenha avisado o seu namoradinho que vamos estar na praia, porque eu não saio de lá nem tão cedo!

Eu a conhecia o suficiente para entender que havia mais coisa ali do que ela estava me contando.

— Abril, o que você está aprontando? — perguntei na lata.

Ela começou a andar em direção à saída do hotel e eu a segui, já mais que desconfiada. Ficou quieta por alguns minutos e fomos andando em direção à praia, porém, quando chegamos ao calçadão, ela continuou andando em direção a uma enorme rocha.

— Estamos no Arpoador e uma amiga minha que é brasileira prometeu nos levar aos lugares mais badalados do Rio.

Ela disse aquilo tão rápido que eu demorei

PERIGOSAS ACHERON

um pouco para entender. Era difícil processar as palavras em português.

— Sim, Avril. Teremos meses para conhecer tudo isso, mas agora eu só quero pisar na areia!

Peguei minha câmera e comecei a filmar aquele lugar, que era mais que fenomenal. Filmei as pessoas caminhando, as ondas batendo contra a areia, o céu limpo e extremamente azul e as pessoas que vendiam artesanato no calçadão de Ipanema.

Aproximei-me de uma das cangas e, de repente, uma das mulheres que estava vendendo pulseiras, colares e outros objetos de artesanato se levantou e pulou em cima de mim.

Mas que merda é essa?

Empurrei-a e gritei em desespero. Ela queria levar a minha câmera. Meu Deus, o primeiro assalto, já!? Avril havia me alertado. Afinal, estávamos em um país diferente do nosso e não conhecíamos nada; éramos presas fáceis por sermos gringas. Em qualquer país que fosse, não tínhamos conhecimento de onde era perigoso e de onde não era. Mas — caramba! — eu nem tinha conseguido pisar na areia!

— Jamile? — Avril perguntou em um tom perplexo.

A mulher parou de se debater e tentar me assaltar e olhou para Avril. A partir daí, não entendi mais nada da conversa, mas as duas pareciam animadas por se reencontrar.

Que ótimo!

A mulher que cheirava a óleo de rícino parecia conhecer minha melhor amiga.

Avril chegou mais perto de mim e cochichou em inglês:

— Ela achou que éramos só umas gringas trouxas, mas essa é a minha amiga brasileira.

Inacreditável!

— Eu não vou nem perguntar de onde você a conhece — disse, de cara fechada.

A mulher não tinha um pinga de educação, vamos lá!

Como se soubesse o que eu estava pensando, a tal da Jamile sorriu para mim e acenou. Dei um sorriso amarelo de volta e segurei minha câmara mais forte entre meus dedos.

— Gwen, não é? — Ela perguntou em inglês. — Desculpa a brincadeira.

Brincadeira, sei... Minha mãe também é virgem!

— Tudo bem, ainda bem que não tenho problemas cardíacos. — Ri.

Ela também riu e começou a recolher suas coisas do calçadão.

— Bem-vindas ao Rio de Janeiro, meninas. Agora vamos ao que interessa: vocês trouxeram dinheiro? Real?

Olhei assustada para ela mais uma vez e então me lembrei de que real era a moeda do Brasil.

— Trouxemos — Avril respondeu.

Me desliguei um pouco da conversa e comecei a prestar atenção ao meu redor.

Era muito diferente. As pessoas sorriam quando me viam olhando para elas, algumas crianças até acenavam para mim. Os casais se beijavam sem pudor algum e também se abraçavam. Tinha uma música alta vindo da areia e eu não consegui identificar o ritmo.

— É uma roda, Gwen. Eles tocam pagode, samba, axé e até funk — disse Jamile, simpática. Claramente eu não devia estar sendo discreta sobre minhas dúvidas.

Eu conhecia algum dos ritmos musicais, por conta do meu trabalho, mas nunca os havia escutado dessa forma, fora de palcos. Era completamente novo. E respirei, aliviada: como eu amava viajar por aí! Gostaria de fazer isso o tempo todo, mas Isaac detestava minhas viagens e dizia que minhas andanças com Avril eram totalmente inapropriadas.

Continuamos nos aproximando da tal roda e não consegui pronunciar direito as palavras que a tal Jamile dissera. Provavelmente, os ritmos tinham nomes diferentes na Inglaterra.

Nos enfiámos na roda e vimos homens e mulheres dançando. Eu não tinha ideia de como faziam aquilo, mas adorei. Eu dançava há muitos anos — desde os cinco, para ser mais precisa — e por isso havia me formado na área. Trabalhava montando espetáculos culturais por todo o mundo. Eu olhava e estudava as danças típicas de todos os países a que viajava e depois reproduzia na Inglaterra, convidando pessoas de todo o mundo para trabalhar comigo.

Chegara a hora de conhecer o Brasil e eu estava animada, pois parecia que as pessoas ali

PERIGOSAS ACHERON

tinham o dom de sorrir e serem felizes com uma simples “roda”. O gingado era natural e isso não era fácil — foram necessários anos de dança para eu aprender a sambar.

Me animei, bem como Avril, e comecei a dançar. Jamile tinha se afastado de nós e agora voltava com cervejas. Eu ia me esbaldar!

Peguei a câmera e liguei-a novamente. Com certeza colocaria toda essa animação e beleza no canal. Gravei por alguns minutos e depois Avril pegou a câmera, me incentivando a ir dançar.

Duas mulheres que estavam requebrando os quadris a todo vapor sorriram e me receberam de braços abertos. Dancei e deixei o ritmo me guiar. Era tão gostosa, a sensação de estar em um lugar novo, sentindo me consumir aquilo que um minuto antes eu não conhecia.

Continuei dançando, acenando para Avril, que deixou Jamile gravando enquanto nós dançávamos. Nós ríamos alto e imaginei que, naquele momento, estivéssemos compartilhando a mesma sensação de liberdade e felicidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Parte II – Espaço 7zero6

JÁ ESTÁVAMOS NA PRAIA HÁ ALGUMAS HORAS, pegando sol e mergulhando no mar azul. A temperatura da água estava surpreendentemente refrescante, como se o mar se conectasse com o sol e os dois soubessem a temperatura perfeita para fazer um dia lindo.

Isaac já havia me ligado três vezes e tentei não ficar desanimada com a ideia de ir embora da praia por aquele dia, uma vez que teríamos dois meses por ali.

— Abril, precisamos ir — disse mais uma vez.

— Eu te ouvi na quinta vez, Gwen. — Ela estava deitada com a bunda para cima enquanto um cara que ela conheceu há alguns minutos passava protetor em suas costas. Parecia realmente que ela vivia em um filme americano. — Vamos, então. O Isaac chatinho já deve estar te esperando com um vestido de vovó.

Escondi o sorriso. Éramos duas inglesas que

tinham se metido a conhecer o mundo. E, sinceramente, era maravilhoso tê-la como parceira para essas aventuras.

Isaac não era assim tão ruim. A questão era que ele se importava mais com o trabalho do que com a nossa relação. E, para falar a verdade, eu também não me importava muito com o nosso futuro.

— Ei, Jamile. Foi um prazer te conhecer — eu disse, de forma sincera.

Até que ela era legal. Tinha me dado um puta susto quando nos conhecemos, mas só.

Ela acenou para mim e deixei-a se despedindo de Avril enquanto andava em direção ao calçadão para bater meus pés. Sentei-me em um banco de pedra e comecei a remexer minha bolsa atrás do meu celular.

Quando finalmente consegui achá-lo, havia uma nova mensagem de Isaac de cerca de meia hora atrás: *Onde vocês estão?*

Respondi: *Na praia, saindo. 2 minutos e estamos aí.*

Ele não me respondeu e dei de ombros.

Avril se aproximou e me entregou a câmera

PERIGOSAS ACHERON

para que eu a colocasse na bolsa.

— Temos que editar as imagens de hoje — avisou ela.

— Podemos fazer à noite, após o jantar — sugeri.

Avril riu e negou com a cabeça.

— Hoje é dia dos namorados, Gwen. Eu vou é sair com aquele moreno da praia. Se você não quer curtir sua vida, ou ao menos dar uma chance a uma pessoa que realmente possa te fazer feliz, é com você.

Eu sei, ela continuava sendo uma megera por me dizer essas coisas, mas uma megera sincera. Havia certa razão em suas provocações. Eu nunca tinha dado uma chance de verdade ao amor.

— Tudo bem, você quer que eu dê uma chance ao amor? Pois vou dar! Com o Isaac! — disse, de cara fechada.

Ela gargalhou e segurou meus braços.

— Gwen! Você é melhor do que isso!

— Falou a garota que pegou metade da escola no ensino médio! Bela chance para o amor, hein?

— Antes do amor, você precisa aprender a
PERIGOSAS ACHERON

trepar e, querida, eu virei especialista! — Riu e deu de ombros. — Talento é talento, Gwen. Agora, tô falando sério. Não vá morrer amargurada por conta das suas escolhas.

Avril era foda! Amava dinheiro, amava sexo, amava álcool, roupas e por aí vai, mas tinha mais cabeça do que os outros pensavam. Eu sabia que ela estava certa em me perturbar com aquilo. Afinal, era para isso que as amizades serviam, não era? Cuidar de quem se gosta.

— Vou dar uma chance — eu disse. — Prometo.

Ela sorriu e me abraçou.

O HOTEL ESTAVA BEM MOVIMENTADO DEVIDO à hora do almoço. Muitas pessoas estavam como eu, com roupas de praia e pés sujos de areia.

Isaac já havia enviado outra mensagem e eu estava prestes a lhe responder de forma malcriada quando Avril me cutucou.

— Olha ali! — ela disse, abaixando os olhos, claramente querendo disfarçar o foco da sua atenção.

Estávamos no lobby do hotel, perto da
PERIGOSAS ACHERON

entrada do restaurante. Havia um casal que estava vindo em nossa direção que me chamou a atenção. A mulher parecia extremamente nervosa e chateada e o cara parecia que iria explodir a qualquer momento.

Não dava para ouvir o que diziam, por conta de todo o barulho, mas, a cada vez que a moça dizia algo, o rapaz ficava ainda mais perturbado. Ela esperneava e mostrava algo para ele no celular, parecia uma foto. Será que havia pego uma traição?

Não me segurei e continuei olhando a cena. Me senti uma perfeita fofoqueira!

O cara estava ficando vermelho e a mulher agora parecia mais calma. Ela tentou abraçá-lo, mas ele se afastou e falou algo que a fez paralisar.

Os dois ficaram se olhando em desafio e rapidamente a mulher arrancou a aliança que tinha em seu dedo e jogou bem no rosto do seu parceiro. Bom... ex-parceiro, pelo visto.

A mulher era extremamente ruiva, de cabelos curtos e pele clara. Ela tinha olhos escuros e uma expressão realmente satisfeita em seu rosto, agora. Não demorou para que ela passasse bem ao meu lado, bufando.

Não me mexi. O cara parecia estar um tanto quanto arrasado, dava certa pena.

Como se sentisse meus olhos focados em seu rosto, ele levantou o olhar.

Jesus, Maria, José! Que gostoso!

Seu cabelo era loiro, porém não de forma intensa. Havia uma mistura ali — principalmente perto da raiz — de um castanho quase dourado. O corte era moderno, nada muito alto, mas longe do estilo militar. Estava desarrumado e logo entendi o porquê: ele passava as mãos entre os fios de forma um tanto nervosa.

Seu olhar ainda estava preso ao meu e não consegui entender porque eu me sentia tão conectada. Por mais que seus olhos estivessem tristes, a beleza era indiscutível. Um verde claro e chamativo. Intenso, bem intenso, como se coubesse toda uma galáxia de pensamentos e sentimentos bem ali.

Seus lábios se contraíram em desgosto, eram avermelhados e um tanto cheios. Pareciam macios, mas não havia como saber de fato.

Dei um passo em sua direção para logo sentir Avril me segurando. O que eu estava

PERIGOSAS ACHERON

fazendo, afinal?

Eu poderia só me aproximar, só um pouquinho.

O homem desviou o olhar do meu por um segundo e apertou os dedos um no outro.

Por que estávamos parados igual dois idiotas em transe?

Respirei fundo e desviei o olhar. Forcei-me a continuar andando e Avril riu, ao meu lado.

— Notei uma certa admiração, amiga?

Baixei a cabeça e não olhei mais na direção do cara. Não queria envergonhá-lo quando, claramente, ele tinha tomado um pé na bunda.

— Uma grande admiração — murmurei. — Caralho, Avril, você viu aqueles olhos?

Ela riu ainda mais e acompanhou meus passos rápidos até o elevador.

— Eu vi. — Deu de ombros. — Vai ver, são lentes.

Não, não eram. Nenhuma lente poderia passar o universo de sentimentos que aquele cara tinha estampado em suas íris esverdeadas.

O ALMOÇO ESTAVA MARAVILHOSO. O restaurante se
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chamava Rayz e era magnífico: claro, aberto e com um atendimento de primeira. A comida, nem se fala! Quantas coisas diferentes! Avril me explicou cada uma delas e, por conta de ter crescido com uma tia brasileira, ela sabia de quase tudo.

Adorei o feijão preto e o churrasco com carnes que não eram comuns, como: alcatra, fraldinha, linguiça, cupim. Nós fazíamos essas carnes de forma diferenciada, mas gostei da novidade.

De sobremesa, provamos um doce que a tia de Avril vivia dizendo que sentia falta: brigadeiro! Caramba, era como o sétimo céu! Doce, pegajoso e com um toque de baunilha e granulado. Muito gostoso!

Depois que finalizamos a refeição, Isaac disse que tinha uma reunião e voltou ao hotel para pegar suas coisas. Ele havia me convidado para jantar naquela noite. Parecia que queria comemorar o dia dos namorados, afinal. Notei certo nervosismo de sua parte, e achei estranho, pois Isaac nunca tinha agido assim com algo relacionado a nós dois. Mas deixei por isso mesmo, não devia ser nada demais.

PERIGOSAS ACHERON

A NOITE ESTAVA PRESTES A CAIR QUANDO recebi uma mensagem de Isaac me informando que estava saindo de sua reunião e que me encontraria diretamente no restaurante.

Terminei de me arrumar e dei uma olhada rápida no espelho, constatando que estava bonita e delicada; sofisticada e longe de parecer esnobe.

A parte superior do meu vestido era de malha, coberto com uma renda bege. As costas ficavam nuas e se encontravam com a parte de baixo do vestido, que era de um cetim azul-escuro. Era solto e ia até o joelho. Meu cabelo longo e loiro caía em forma de cascata pela renda. Minhas curvas estavam acentuadas e meus olhos, um pouco avermelhados por conta dos mergulhos de mais cedo, mas nada que ofuscasse o azul acinzentado.

Não havia maquiagem que pudesse esconder aquela vermelhidão e eu estava torcendo para que Isaac não pensasse que eu estava chapada.

Mandeí uma mensagem para Avril dizendo que nos veríamos no dia seguinte, pois eu iria jantar com o Isaac, e ela me respondeu com uma carinha entediada. Eu ri e peguei minha bolsa de mão,
PERIGOSAS ACHERON

saindo do quarto para pegar um táxi até o restaurante Espaço 7zero6, que ficava em uma cobertura em Ipanema.

Não demorei para chegar e também não me surpreendi ao ver o local. Tudo ali respirava elegância e seriedade. Não era algo descontraído.

Todas as janelas eram de vidros altos e destacavam a vista maravilhosa. Como já havia anoitecido, era como ver pontos de luzes brilhantes em uma imensa escuridão. As mesas estavam arrumadas com extrema etiqueta e possuíam velas por todo o espaço, criando um ar bem romântico.

Aquela era a hora que eu deveria me sentir culpada?

É uma boa hora, Gwen.

Respirei fundo e dei meu nome a um dos funcionários, que felizmente falava inglês. De forma apressada e um pouco surpresa, ele me levou à mesa onde Isaac já estava.

— Oi, querida — ele disse.

Dei um meio sorriso em resposta e tive que dar o braço a torcer: ele estava se esforçando.

— Oi, Isaac. — Dei-lhe um selinho e ignorei a sensação incerta sobre aquele ato.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já pedi nossos pratos. Você gostou daqui? — perguntou.

Ele falava comigo, mas não estava totalmente focado. Seu celular estava quase no meio da sua testa. Na certa, estava respondendo alguma questão sobre negócios.

Elogiei cedo demais.

— É bem bonito — respondi calmamente.

Se ele não tirasse aquilo da cara até o final do jantar, não ia prestar!

Mal tive tempo de apreciar todo o local quando o garçom serviu nossos pratos. Eu realmente odiava isso que Isaac fazia, definir o que eu comeria. Que falta de consideração!

Como estava resignada a não estragar a noite, apenas comecei a comer e ignorei o vinho que haviam servido, pedindo uma Coca-cola bem gelada.

— Seus pais mandaram um oi, principalmente sua mãe — ele comentou.

Minha mãe? Essa era nova! Ela mal falava comigo.

— Claro que mandaram — respondi, desinteressada.

PERIGOSAS ACHERON

Ele finalmente pareceu notar que algo não estava me agradando e guardou o celular no bolso da calça. Claro que não antes de olhar feio para o meu refrigerante.

— Você está ótima, Gwen — elogiou.

— Obrigada.

Continuamos comendo em silêncio e, cada vez que eu ouvia seu celular vibrando, sentia vontade de gritar.

Respirei fundo novamente, mas dessa vez tentando segurar o choro. Sentia-me tão presa pelas minhas próprias escolhas e sabia que tudo estava em minhas mãos. Eu precisava ser sincera com Isaac.

— Gwen? Querida, você está bem?

Eu tinha a opção de ser sincera e falar tudo o que estava passando pela minha cabeça ou conversar sobre isso no hotel de maneira privada, o que eu achava mais adequado.

— Sim, tudo bem — respondi.

Ele assentiu com a cabeça e, como já tínhamos acabado de comer, os garçons retiraram os pratos, deixando bastante espaço na mesa.

De repente, Isaac pegou uma das minhas
PERIGOSAS ACHERON

mãos e esfregou seus dedos na minha palma, deixando algo ali.

— O que é isso? — perguntei, ao mesmo tempo em que olhava para o objeto pequeno.

Não havia como respirar fundo, não havia o que fazer. Puta que pariu, não tinha como eu me foder mais do que isso!

— Gwen... Eu sei que não nos entendemos sempre e nem gostamos das mesmas coisas, mas temos que dar continuidade na vida, não é? Você tem as suas coisas... E eu tenho o escritório que logo estará todo em minhas mãos. Resumindo, temos responsabilidades a cumprir e acho que já é hora de oficializarmos de uma vez por todas a nossa união... — E ele continuou falando.

A voz de Isaac foi sumindo da minha cabeça e eu só fiquei lá, olhando como uma idiota para aquele anel de noivado.

Como eu tinha deixado minha vida sair tanto dos eixos? Como eu poderia ter me descuidado tanto? Como eu poderia ter pensando que essa situação simplesmente ficaria estagnada até que eu conseguisse lidar com ela? Casar com Isaac era como entrar em uma vida que não

PERIGOSAS ACHERON

combinava em nada comigo. Nada.

Eu acabara de sair de uma situação cômoda e de uma comemoração boba de dia dos namorados para o maior desastre que poderia acontecer.

Isaac percebeu que eu continuava sem reação e finalmente parou de falar.

— Você não está considerando nada impróprio, está? — ele disse em voz baixa e com um tom irritado.

Aquilo não era nada de mais para ele. Tudo que ele queria era saber de sua vida profissional. Eu era um meio para um fim. Não havia esperança de amor verdadeiro entre nós dois.

— Isaac... — comecei. — E-eu, eu não posso!

Ele fez sinal para o garçom, que trazia um champanhe, e o mesmo se afastou.

— Do que você está falando? Era esse o combinado. Você precisa crescer, Gwen!

Agora ele estava realmente irritado e aquilo me fez despertar um pouco. Olhei-o nos olhos friamente por alguns minutos e ele paralisou com a minha expressão.

Peguei minha bolsa de mão e me levantei.
PERIGOSAS ACHERON

Ele segurou meu pulso e me puxou para perto.

— Eu não posso e não vou ser o que você quer — eu disse com firmeza.

Não pensei em mais nada, apenas andei apressadamente até sair no meio da rua. Sabia que Isaac não viria atrás de mim, então me permiti pensar por um momento.

Eu estava em um país onde não conhecia absolutamente nada. Não falava português e não tinha como saber quem falava a minha língua. O sensato seria voltar ao hotel e esperar até o dia seguinte, quando Avril estaria comigo, mas não parecia uma boa opção. Aquele também era o quarto de Isaac e eu realmente não queria mais vê-lo.

Então tive uma ideia. Enviei uma mensagem para Avril, pedindo o celular de sua amiga brasileira, Jamile. Não disse a ela o porquê e nem detalhe algum sobre a minha atual situação. Queria que Avril curtisse o dia dos namorados. Ela logo me respondeu e não fez mais perguntas, o que só me confirmou que ela estava ocupada.

Não hesitei nem um segundo e disquei para Jamile.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Parte III – Lapa

FORA UMA IDEIA BRILHANTE, EU PENSAR EM ligar para a amiga de Avril. Ela era bem simpática e não me fez muitas perguntas sobre o motivo de eu querer desesperadamente sair para esquecer os problemas. Apenas disse que tinha um ótimo local para me levar.

Segundo ela, eu estava na Lapa e em um ótimo horário. As pessoas estavam bebendo e encontrando os amigos. Os bares estavam enchendo e, as bandas, se preparando para tocar. O ambiente era muito diferente do que eu estava acostumada e muito mais agradável.

Não havia ninguém ali preocupado com postura e etiqueta. Era como observar um tipo de família. Por mais que eu não conhecesse ninguém ali além da Jamile, bastava focar o olhar em alguém que logo a pessoa sorria.

O povo brasileiro era simpático e acolhedor. Muito diferente da Inglaterra, onde sempre mantínhamos uma distância segura. Já havia

perdido a conta de quantos abraços e beijos tinha presenciado naquela última hora. Me cheirava a liberdade, e achei engraçado como combinava com o meu estado de espírito.

Estava disposta a curtir bons momentos. Queria beber, dançar e sorrir para as pessoas como se não houvesse amanhã. Pela primeira vez em tempos, eu estava livre. Não sentia mais o peso das cobranças de Isaac em minhas costas e nem queria pensar nas consequências que teria de enfrentar por ter decidido mandar aquele relacionamento para o espaço.

— Arrumei uma festa para nós! — Jamile gritou.

Ela tinha me deixado em um bar enquanto arrumava “uma noite de arromba”.

Terminei de beber todo o conteúdo da *long neck* de Heineken e sorri para ela.

— Sério? — perguntei, animada.

— Sério. Agora, vamos melhorar essa roupa e essa cara porque assim não dá, né, bebê.

Não entendi se aquilo era um elogio ou uma crítica, mas decidi deixar para lá. Levantei e abri os braços.

— À vontade!

Ela me pegou pela mão até o banheiro do bar e, sem cerimônia alguma, rasgou a parte de baixo do meu vestido. O cetim já era! Olhei para ela, horrorizada, e dei um gritinho.

— O que você está fazendo?

— Veja você mesma!

Olhei no espelho pronta para começar uma série de reclamações, mas, em vez disso, fiquei admirada.

Ela conseguiu arrancar de uma forma que deu um ar rebelde ao vestido, que antes era bem-comportado. Estava mais curto e mais adequado para uma festa noturna.

— Nossa! — exclamei. — Valeu.

— Agora dá uma melhorada nessa sua cara de boa moça e vamos que consegui entradas gratuitas.

Peguei minha bolsa de mão, que estava na pia do banheiro, e de lá tirei meu lápis preto. Rapidamente delineei meus olhos, dando um ar mais carregado. Peguei um elástico azul e preendi meu cabelo longo em um rabo-de-cavalo alto, deixando uma mecha solta perto dos olhos.

Aqui fazia muito calor, muito mais do que eu estava acostumada, então preso era melhor.

Abaixei-me para ajeitar meu salto, que não era muito grande, e dei graças a Deus por ser daqueles mais confortáveis, sem causar as dolorosas bolhas.

— Jamile, não vamos usar drogas nem ir para casas de swing, tudo bem? — Achei melhor esclarecer os limites da noite.

Ninguém respondeu e a porta se abriu. À princípio, não levantei a cabeça.

— Jamile! Você me ouviu? Sem drogas ou swing! — disse mais alto.

Um riso alto soou e era masculino demais para ser da Jamile, acho. Levantei rapidamente e dei de cara com um sujeito parado na porta do banheiro.

— Ei! Esse é o banheiro feminino! — protestei sem pensar duas vezes, para logo depois me lembrar de que eu estava no Brasil e provavelmente ele não tinha me entendido. Eu falava português mal demais para tentar traduzir.

— Eu sei disso, mas o banheiro masculino está entupido — ele rebateu. — Você já acabou?

Espera, eu entendi direitinho tudo o que ele disse. Dediquei um minuto para observá-lo. Foi quando percebi.

— Puta que pariu! — exclamei alto, em português.

Era ele. Ele mesmo! O cara que tinha levado um pé na bunda há horas atrás!

— O que você disse? — perguntou, confuso.

— Nada. Er.... Nada. É só um xingamento em português — esclareci.

— Você é brasileira?

Ótimo lugar para se ter uma conversa, em um banheiro sujo!

— Não. E, pelo visto, nem você. — Estendi minha mão para o tal sujeito e ele a beijou, me deixando chocada por alguns minutos.

Quem ainda fazia isso?

— Sou inglês. Estou aqui porque... então, estava... enfim, vim passear.

— Eu me lembro de você no hotel com a sua noiva.

Ele levantou os olhos para mim e deu de ombros. Não parecia tão chateado como eu

PERIGOSAS ACHERON

imaginei que pudesse ficar por eu ter tocado no assunto.

— Ex-noiva — frizou. — Também me lembro de você.

Não dissemos mais nada por algum tempo. Ele ficou parado, ainda na porta, me olhando de cima a baixo, enquanto eu fazia o mesmo.

— Bem, eu preciso procurar a minha amiga — disse, quebrando o silêncio.

— Claro, a amiga que vai te levar para usar drogas e curtir um swing?

— É o contrário, na verdade — respondi, séria. — Vou lá. Até mais!

Dei um passo à frente, esperando que ele me desse passagem, mas ele não se moveu.

— Qual o seu nome? — perguntou.

Eu estava mais perto do que imaginava.

Meu Deus do céu, que cheiro maravilhoso era aquele? Que homem! Que homem!

— Gwen.

Ele aproximou um pouco mais seu rosto do meu e realmente achei que o atrevido iria me beijar.

— Prazer, Gwen. Meu nome é Anthony.

Como se eu tivesse perguntado.

— Que bom que esclarecemos isso — eu disse. — Agora, pode me dar licença?

Ele riu em alto e bom som e deu passos para trás, afastando-se da porta.

— Você é inglesa. Seu sotaque e o tom educadinho... Espera aí, Gwen de quê? — Franziu a testa.

— Hill. Gwen Hill. Por quê? — perguntei na defensiva.

— Hill... É você? Caramba! Eu já vi um dos seus espetáculos com minha família. Meu pai vive conseguindo dançarinos para você.

Parei por um momento e botei a cabeça para funcionar. Eu entrava em contato com as melhores academias de dança para os meus espetáculos. Como eu falava sobre culturas diversas, era preciso pessoas que pudessem se adaptar às coreografias e características físicas. Havia algumas academias onde eu achava o que queria com mais frequência, mas quais eram as chances de que esse cara à minha frente tivesse relação com alguma delas?

Bem, só tinha uma forma de saber:

— Você não me é estranho, mas... Seu sobrenome é Cooper? — perguntei na lata.

— Anthony James Cooper, ao seu dispor.

Meu rosto devia estar iluminado como árvore de natal. Eu adorava o pai daquele cara! Henry era simpático, educado, muito sério em suas negociações e sempre tinha dançarinos bem disciplinados e competentes para me mostrar. Anthony e o pai eram parecidos e era por isso eu tinha uma sensação de reconhecimento ao olhar para ele.

— Henry Cooper, claro! Seu pai me ajuda muito, sempre me indica os melhores. Eu não sabia que ele tinha filhos.

— Ele é bem reservado. — Deu de ombros.
— Posso te pagar uma bebida?

Eu ri de sua forma direta em fazer aquela pergunta e acenei com a cabeça.

— Pode, mas só depois que eu achar a minha amiga.

— Então vamos achá-la. — Levantou a mão e o seu tom carregava intensidade, como se fosse uma missão de extrema importância.

Eu ri daquilo e passei pela porta, deixando-o atrás de mim.

O bar encheu muito desde de que eu entrara
PERIGOSAS ACHERON

no banheiro. Mal haviam cadeiras para sentar e a música alta deixava tudo ainda mais caótico. Muitos grupos de amigos gritavam, animados, enquanto viravam shots de bebidas.

Só por curiosidade, olhei meu celular, e não tinha nenhuma mensagem de Jamile. Ainda eram dez da noite e eu pretendia voltar ao hotel para pegar minhas coisas só depois do amanhecer. Me hospedaria em outro lugar o quanto antes, pois ainda tinha dois meses pela frente naquele paraíso.

— Ela não está aqui! — gritei para Anthony.

Ele se aproximou para ouvir e botou a mão em meu ombro.

— Você quer pegar uma mesa e esperar um pouco? — gritou de volta.

Essa eu queria ver! O bar já estava um caos, como poderíamos ficar ali?

Apenas acenei em concordância e observei enquanto ele falava com um dos garçons. Primeiramente, ele foi quase que ignorado, mas bastou estender alguns dólares que o moço quase beijou a bunda dele.

Ele acenou para mim e sinalizou uma mesa

PERIGOSAS ACHERON

de canto que o garçom montou rapidamente.

Aquele lugar era o contrário dos locais que eu costumava frequentar, e isso era tão bom! Ninguém se importava com roupas, música alta e berros animados. Todos estavam ali para curtir e não para julgar os outros.

Sentei em uma das mesas e peguei meu celular enviando uma mensagem para Jamile: *Onde você está?*

Guardei o celular na bolsa de mão e olhei para Anthony, que já estava segurando o cardápio de bebidas.

— O que você vai querer? — perguntou.

— Algo bem forte!

Ele riu e concordou.

O garçom falava pouco de inglês e eu um pouco de português. Nunca me enrolei tanto para pedir uma bebida. Optamos pela tal caipirinha de Jurupinga. Muita gente estava bebendo aquilo, então decidimos experimentar. Quando a bebida chegou, entendi o porquê. Era refrescante e bem docinha.

— Você bebeu sem brindar. Sabe que são sete anos sem transar, não sabe? — Anthony falou, PERIGOSAS ACHERON

sério.

Eu já havia escutado aquilo antes. Abril sempre me dizia isso, bem como sua tia brasileira.

— E não é que você conhece um pouco do Brasil? — zombei.

Ele riu e negou com a cabeça.

— É a primeira vez que venho para cá, mas meus amigos já estiveram por aqui. Aprendi uma coisinha ou duas.

— Então está melhor do que eu. É a primeira vez que venho, sei pouco português e as duas pessoas que sabiam tudo sobre o Rio e estavam comigo claramente não estão mais.

— Então as vagas de guardião estão abertas? — Ele riu.

— Eu sei me cuidar muito bem sozinha — respondi, seca.

— Pois eu acho que foi um convite! — provocou.

Ele queria jogar, certo? Tudo bem!

— Nem em um milhão de anos — respondi, dando um último gole na minha caipirinha.

O garçom passou perto da nossa mesa e eu acenei para ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tequila? — perguntei ao Anthony e ele sorriu, aprovando a ideia. — Oito doses de tequila, por favor — pedi ao garçom em um português enrolado.

Traduzi para Anthony as quantidades pedidas e ele arregalou os olhos.

— Senhoras e senhores, prevejo uma grande noite! — Ele bateu na mesa, animado.

Sorri.

— Ela está só começando, Cooper.

Não demorou e lá estavam as oito doses. Eu não iria parar por ali! Estava determinada a curtir aquela noite como não fazia há tempos. Sem preocupações e sem “segurar a onda”.

— É pra virar! — avisei. — A Jamile claramente não está mais aqui e vamos ter que sair para procurar por ela.

— A cada parada, oito novas doses de Deus-sabe-lá-o-quê — ele sugeriu.

Fui criada por um ex-militar que sabia beber mais do que qualquer outra pessoa que eu conhecia. Na adolescência, era raro eu passar dos limites. Minha resistência era alta, então não me intimidei com o desafio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Beleza. Manda ver, Cooper.

A música estava ainda mais alta e eu comecei a me balançar na cadeira, enquanto me preparava para virar as doses.

— Um, dois, três e já!

Batemos um copinho no outro e, sem parar para dizer nada, viramos todas as oito doses, quatro para cada uma de nós.

Gargalhei quando terminei e zoei Anthony, que estava com o rosto vermelho.

— Você não é fraca, srta. Hill — disse, sorrindo. — Vamos procurar a sua amiga.

ESTÁVAMOS ANDANDO PELA LAPA, OLHANDO bares e rodas de samba — qualquer lugar onde a louca da Jamile pudesse estar. Ela não respondera à minha mensagem e eu estava começando me questionar se a coitada não tinha sido sequestrada.

Um barulho alto, mais alto do que os outros, me chamou a atenção. Parecia uma festa e Anthony logo foi puxar papo com um dos seguranças, que falava inglês.

Não muito tempo depois, ele voltou até mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Conversei com o segurança e ele disse que sua amiga é conhecida por aqui. Jamile, certo? — Confirmei com um aceno. — Tem uma boa chance de ela estar ali dentro. E a melhor notícia é que consegui duas entradas!

— Jura? Sei... Claro que só vamos entrar para procurar minha amiga, né? — perguntei, com ironia.

Era a cara da Jamile, ir para uma festa e me deixar para trás. E, sinceramente, eu não ia passar a noite toda atrás dela, mas era uma boa desculpa para manter Anthony por perto.

— Claro, claro — respondeu.

Nós rimos um para o outro e peguei a pulseira colorida que ele estendeu para mim.

Entramos na casa de shows e a festa estava pegando fogo. O local não era muito grande, e por isso as pessoas dançavam esbarrando umas nas outras, mas ninguém se incomodava. As luzes eram coloridas e banhavam a pista de forma magnífica. Era como um submundo dos muito loucos.

— Hora das bebidas! — disse, animada.

Peguei a mão de Anthony e fomos até o bar. O local não servia tequila e nem vodka pura, então

PERIGOSAS ACHERON

optamos por algo que não conhecíamos: Skol Beats, era o nome. Com quatro latas nas mãos, duas para cada um, começamos a beber sem nem respirar direito.

Ela era supergelada, o que me fez rir. Eu ainda não me sentia tonta, então logo pegamos mais duas.

— Não vale cair! — Anthony gritou.

— Pegue sua própria dica, Cooper! — gritei de volta.

A música estava boa, mas eu não a conhecia. Apenas o ritmo me era familiar, algo parecido com salsa, mas não tive certeza.

Anthony se aproximou de mim e começou a dançar. Ele era engraçado e extremamente bem-humorado. Por que será que aquela ruiva havia sido tão grosseira com ele mais cedo?

O som mudou e identifiquei como “Counting Stars”, do One Republic. Eu simplesmente amava aquela música!

Levantei as mãos para o alto e comecei a dançar, deixando a leveza impulsionada pelo álcool comandar o meu corpo. Fechei os olhos e comecei a remexer os quadris, animada. Não havia nada

PERIGOSAS ACHERON

melhor do que uma boa música e tanta gente se divertindo ao seu redor.

Anthony se aproximou de mim e começamos a dançar e sorrir um para outro. Não era preciso muita atenção para perceber suas intenções e, na verdade, eu estava mais que interessada.

Virei o restante da lata de Skol Beats e Anthony já estava bem perto de mim, mexendo os quadris e me provocando com seu olhar instigante.

Deus! Eu queria beijá-lo.

Ofeguei quando ele botou a mão em minha cintura, colando seu corpo ao meu. Fui capaz de sentir seus músculos definidos por baixo da camisa e seu hálito perto do meu rosto. Era tudo tão envolvente e atrativo. No entanto, eu não iria beijá-lo antes de saber se estava, de fato, solteiro. A cena que eu presenciara mais cedo podia não ter sido definitiva.

Anthony manteve seu corpo próximo ao meu, bem como seu rosto, mas não ousou avançar mais.

Dançamos uma, duas, três, sei lá quantas músicas juntos, até que eu o arrastei comigo para a

PERIGOSAS ACHERON

parte superior, onde muitas pessoas estavam sentadas. A área era aberta e simples.

— Você já viu tanta gente animada? — perguntou Anthony, enquanto olhava admirado para as pessoas que estavam na parte de dentro da casa de show.

— Até já vi, mas não tão espontâneas. O Brasil é peculiar. Não vai ser fácil colocar isso no meu espetáculo.

Anthony pareceu pensar por um momento e apoiou os braços no rosto.

— Você faz isso a quanto tempo?

— Há mais ou menos cinco anos. Comecei quando tinha vinte. Sempre gostei de viajar e de conhecer outras culturas e pessoas.

— Eu gostei muito do espetáculo que você fez sobre as Bahamas. Na verdade, foi o único ao qual assisti.

Ele passou as mãos pelos cabelos e seus olhos estavam focados em algo além de mim. Ele estava aberto à conversa, pelo visto, e eu não iria desperdiçar essa chance.

— Se gostou tanto, porque não foi ver outros?

Não escondi a curiosidade.

— Lisa não é fã desse tipo de coisa. Ela prefere um bom show de rock. Não concordamos muito nessa área, sou mais fã de clássicos e de espetáculos culturais.

Ele parecia estar bem confortável com o nosso papo.

— Se não for te incomodar... posso perguntar o que aconteceu hoje mais cedo entre vocês?

Ele respirou fundo e focou seus olhos nos meus.

— Sabe quando você não está com a pessoa certa, mas, por algum motivo, insiste em ficar com ela? Então. Eu e Lisa insistimos por muito tempo em algo que nunca fluiu bem.

Suspirei antes de me deixar levar pela intuição.

— Fala aí, quem traiu quem?

— Estamos no Brasil há pouco tempo. Fizemos essa viagem para definir nosso relacionamento, que estava estagnado, e foi exatamente o que aconteceu. Lisa definiu tudo muito bem ao dormir com um brasileiro. Talvez, se

PERIGOSAS ACHERON

eu não tivesse ignorado os sinais de que não existia futuro para nós, não a teria flagrado com outro. — Fitou a bebida em sua mão. — Sabe o que é estranho? Eu não consigo me importar. Deveria, afinal, a conheço há tanto tempo! Mas o nosso rompimento, por mais que tenha sido do jeito errado, me trouxe mais alívio do que eu poderia imaginar. Entende o que quero dizer?

— Sim — respondi baixo, porém ele leu a resposta em meus lábios.

— Agora me fale de você. O que te trouxe ao Brasil?

— Você já sabe o que eu faço lá na Inglaterra, então essa é mais uma das minhas viagens para introduzir conteúdo aos meus espetáculos. Só que, dessa vez, meu ex veio também.

— Você costuma viajar com o seu ex? — perguntou, com a expressão confusa.

— Não, bobo! — gargalhei. — Não é assim. Ele era meu namorado, mas agora virou ex. Eu terminei com ele algumas horas atrás. Não vou mentir para você, também me sinto aliviada. Era uma coisa que tinha que acabar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Engraçado, estamos no mesmo barco. —
Sorriu.

— Sim. E navegar é preciso, amigo.
Naveguemos!

Rimos juntos, pois sentimos o vento soprando a nosso favor. Talvez, se eu fechasse bem os olhos, poderia até senti-lo em minha pele.

— Você vai trocar de hotel? — investiguei.

— Sim. Decidi ficar por aqui mesmo sem a Lisa.

Era uma decisão inteligente. Uma decisão que eu mesma também deveria tomar.

Avril certamente iria querer ficar esses dois meses e eu estava afim de conhecer muito mais do Rio de Janeiro.

— Pretendo ficar, também — comentei.

Anthony chegou mais perto e colou os lábios em minha orelha.

— Navegue comigo, Hill.

Eu me arrepiei na hora. A voz daquele homem era grave, forte e agora demonstrava um desejo que não pude simplesmente fingir não ter percebido.

— Sim, Cooper — sussurrei de volta.

PERIGOSAS ACHERON

Ele não esperou que eu dissesse mais nada. Colou seu corpo atrás do meu e me fez ficar apoiada na grade do terraço. Gentilmente, suas mãos afastaram meu rabo de cavalo para o lado direito, deixando meu pescoço à mostra e vulnerável ao seu toque.

Ele se abaixou e colou sua boca em minha pele. Um beijo de cada vez, de forma pausada e carinhosa. Eu acertara em meu palpite mais cedo, ele possuía lábios macios. Sua língua logo se mostrou presente e tocou a pele delicada do meu pescoço.

Eu estava sem ar, literalmente sem ar! Anthony nem tinha me beijado e eu já estava molhada.

— Você é tão doce, tão linda... — ele disse e mordiscou minha orelha.

Eu estava com as penas bambas, a fala tremendo, e os pelos arrepiados. *Mas o que era aquilo?*

Virei-me rapidamente, apertando-me contra seu corpo. Passei uma das minhas mãos por seus cabelos claros e a outra por suas costas, aproximando meu rosto do seu de forma que não

PERIGOSAS ACHERON

parecia haver mais nada nos impedindo.

A maciez de seus lábios sobre os meus foi avassaladora. Nos apertamos como se nenhuma distância fosse permitida. Sua língua tomou a minha, massageando e provocando. Ele se afastava e depositava mordidinhas em meus lábios inferior e superior e, a cada vez que voltávamos a nos beijar com fervor, eu gemia sem vergonha alguma.

Meu corpo clamava por mais calor, mais proximidade, mais pele na pele. Eu não estava conseguindo controlar tal frenesi. Há tempos não tinha uma experiência tão sensual.

A respiração estava cada mais difícil para nos dois e nos afastamos por um momento, mantendo nossas testas próximas.

— Tô fodida — murmurei, completamente rendida.

Ele riu e me beijou novamente.

— Não ainda — sussurrou de volta.

Eu ri da resposta e nos afastamos no exato momento em que um bêbedo caiu em cima de nós, espalhando bebida para todo lado.

— Ei, cara! — gritei. — Presta atenção!

O bêbedo me olhou como se eu fosse de
PERIGOSAS ACHERON

uma galáxia distinta e se afastou.

— Idiota — chiou Anthony. — Você está bem?

Ele olhou para o meu vestido, que ficou um pouco manchado.

— Estou sim. O vestido estava rasgado, mesmo. — Dei de ombros.

Ele pegou minha mão e me puxou para dentro da casa de show.

— Você ainda quer procurar a sua amiga?

— Só mais uma tentativa!

Ele concordou e então fomos perguntar a alguns funcionários se tinham visto a Jamile por ali. Todos negaram, ela realmente tinha evaporado!

Saímos da casa de show e peguei meu celular. Não havia nenhuma mensagem nem ligação. Passamos por mais alguns bares e Anthony fez questão de segurar minha mão a todo o momento. Ele estava sendo fofo e gostei daquela proximidade.

— Está com fome? — perguntou.

— Pouca! Podemos beber mais, antes.

Ele riu e me puxou para um outro bar que tinha ali. Esse era mais organizado, menos

PERIGOSAS ACHERON

tumultuado, e dava para conversar normalmente.

Ficamos no balcão, em vez de pegar uma das mesas, já que nosso intuito era beber.

— Muito bem, agora eu quero algo forte de verdade.

— Você é muito resistente para álcool. Estou impressionado.

Dei uma olhada no cardápio de bebidas e sorri para ele.

— Você gosta de Jack Daniels? — provoquei. Ele abriu a boca, mas não respondeu. — Eu bebia com o meu pai. Vai ver é de família, mas somos bem resistentes.

— Que bom, não gostaria de te ver passando mal. Aceito dose dupla à cowboy.

Pedi ao bartender o whiskey sem gelo e sorvemos a bebida aos poucos, enquanto conversávamos sobre a Inglaterra. Nós morávamos em Londres, em bairros próximos: South Kensington e Knightsbridge. Apesar de eu conhecer o pai de Anthony há alguns anos, não sabia muito sobre sua vida pessoal.

Anthony comentou que Henry se tornara mais introspectivo após a morte de sua esposa,

PERIGOSAS ACHERON

Evelyn. Ele também contou que tinha uma irmã chamada Agatha, mas que morava na Irlanda.

Preferi não comentar muito sobre os meus pais, visto que também vivíamos afastados. Eu não me dava muito bem com a minha mãe, e meu pai já estava cansado de se meter entre nós.

Finalmente comecei a me sentir bem tonta após tomar quase toda a dose dupla de Jack Daniels, e Anthony parecia estar na mesma que eu.

Uma banda que estava tocando seus instrumentos pela rua passou em frente ao bar e, para nossa surpresa, entrou. A música era uma versão de “Low Rider” um tanto abasileirada, que ficou muito boa.

O pessoal começou a se animar e eles continuaram tocando cada vez mais alto.

Anthony bebeu o resto de seu whiskey e me puxou para dançar. Ele era um dançarino habilidoso, com certeza havia aprendido algo na academia de seu pai. Acompanhei-o e, juntos, fomos brincando de combinar passos. Logo as pessoas começaram a prestar atenção, mas não me intimidei. Estava me divertindo à beça!

A batida mudou e “Cheap Trills”, da Sia,
PERIGOSAS ACHERON

agora ressoava pelo ambiente. Gritei em animação e dei a risada mais solta da noite. Definitivamente, agora eu estava bêbada! Anthony passou as mãos por minhas costas e remexeu os quadris em sintonia com os meus. A banda tocava animada e aproveitaram que estávamos dançando para embalar em um samba. As pessoas que antes estavam sentadas se levantaram, também animadas, e, a cada música que se iniciava, cada vez mais o local lotava.

Em questão de minutos, um ambiente antes calmo se transformou em uma legítima festa. Em todos os países que eu tinha visitado, nunca havia visto tamanha energia.

— O Brasil é mágico! — gritei.

— Você está é bêbada! — Anthony gritou de volta.

Gargalhei e abracei-o, beijando seus lábios mais uma vez. Correspondemos a nossos impulsos cada vez mais fortes e, minutos depois, já estávamos atracados na parede do bar. Ninguém prestava atenção em nós agora, e eu sabia exatamente no que isso ia dar.

— Em frente? — perguntei. Com sorte, ele

PERIGOSAS ACHERON

entenderia do que eu estava falando.

Anthony me lançou um sorriso lascivo e sussurrou em meu ouvido.

— Até onde você quiser, baby.

Parte IV – Barra da Tijuca

PEGAMOS UM TÁXI ATÉ O ENDEREÇO QUE Avril me forneceu. Eu tinha ligado para ela, explicando rapidamente a situação. Ela me indicou o hotel em que quase tínhamos nos hospedado se não fosse pela insistência de Isaac.

Segundo ela, ele era bonito, tinha boa localização e eu teria bastante conforto. Desviei de algumas de suas perguntas e disse que daria mais detalhes sobre o que havia acontecido pela manhã.

Chegamos na Barra da Tijuca, um bairro bem conhecido do Rio, segundo o Google.

O hotel se chamava Grand Hyatt e ficava em frente à praia. Estava admirada com tamanha beleza. Quando amanhecesse, então...

Eu estava relaxada, esperando enquanto Anthony resolvia a nossa reserva. Pegaríamos dois quartos, à princípio, mas a nossa intenção era usar apenas um — ao menos naquela noite.

Quando tudo foi resolvido, nos encaminhamos para a suíte. Infelizmente, fomos

interrompidos por duas senhoras que soltaram risadinhas em nos flagrar aos beijos no elevador.

Guardei a chave da minha suíte em minha bolsa e seguimos para a que seria de Anthony.

Fui até o frigobar e peguei uma água. Anthony me acompanhou e sentamos na varanda para nos refrescar um pouco. Ele me puxou para o seu colo e aquilo me deixou ainda mais ansiosa. Meu desejo não dava trégua. A cada aproximação física, eu ansiava por mais.

Anthony puxou minhas pernas para mais perto, de forma que eu estava sentada de frente para ele, bem em cima de nossos pontos mais fortes de excitação. Anthony começou a beijar meus dedos, subindo para os meus braços, até chegar ao pescoço, onde depositou mordidinhas. Eu gemi baixinho e ele apertou uma de minhas coxas.

Eu estava completamente molhada e o membro de Anthony estava tão rígido que criava uma pressão enlouquecedora perto da minha intimidade. Rebolei um pouco os quadris, provocando-o e me deliciando com a visão de seu controle se esvaindo.

Anthony puxou o zíper do meu vestido,
PERIGOSAS ACHERON

expondo minhas costas ao vento confortável da madrugada. Eu me contorcia a cada beijo, cada apertão. Era tudo tão intenso, tão deliciosamente viciante. Levantei-me para que o vestido pudesse cair aos meus pés e dei um passo à frente, para que eu pudesse abrir sua camisa.

Ele segurou meus pulsos sem usar força bruta e as guiou até o vidro da varanda. Inclinei-me para trás por reflexo e Anthony subiu suas mãos grandes por minhas pernas até minha bunda e apertou-a. Sua pegada era firme e cheia de promessas.

Promessas as quais ele parecia bem empenhado em cumprir.

Seus dedos se aproximaram do meu clitóris e logo senti suas carícias. Soltei um gemido alto de prazer. Ele continuava me provocando e, toda vez que eu me aproximava do clímax, ele parava.

Virei-me já um pouco irritada e ele riu da expressão em meu rosto.

— Não seja ansiosa — zombou.

Eu pretendia fazê-lo engolir essa frase.

Passei as mãos por seu rosto, seguindo a linha de suas feições másculas e com expressões

PERIGOSAS ACHERON

fortes. Era de tirar o fôlego, realmente. Acaricieei seu corpo, terminei de tirar sua camisa e comecei a beijar seu peitoral, deliciando-me com cada pedaço de pele exposta. Ele jogou a cabeça para trás conforme fui descendo e chegando perto de seu púbis. Seus dedos envolveram meus cabelos e eu ri.

— Não seja ansioso.

Levantei-me e dei alguns passos para trás.

— Engraçadinha.

Anthony ficou de joelhos e tirou minha calcinha com a boca. Logo depois, começou a traçar uma linha de beijos e chupadas em minha virilha. Quando finalmente sua língua quente chegou ao meu ponto máximo de prazer, fui à loucura. A cada beijo, sucediam-se duas chupadas. Ele jogou comigo até eu tremer em suas mãos. Quando estava começando a suar e implorar, Anthony meteu sua língua bem em cima do meu clitóris e de forma intensa chupou-o sem nenhuma pausa.

— Anthony... — gemi alto e puxei seus cabelos.

Meu corpo tremeu e minhas pernas amoleceram. Cheguei ao ápice de forma intensa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Anthony se levantou rapidamente e me segurou pela cintura com a mão esquerda. Sua mão direita enrolou-se em meu rabo de cavalo e o puxou um pouco para baixo.

— Você quer soltar o cabelo? — perguntou.

Gostei de sua delicadeza e assenti, puxando o elástico para baixo.

Ele apenas observou enquanto eu balançava meus cabelos longos e seus lábios se entreabriam.

— Tão linda... Gwen.

Não respondi, apenas me ajoelhei de frente para ele, disposta a ter o que queria. Abri o zíper de sua calça e descii sua cueca até a altura de seus tornozelos, pegando seu membro em minhas mãos. Mal cabia de tanto que ele estava inchado e aquilo só me excitou mais. Mexi para cima e para baixo até que seus gemidos se tornassem mais intensos e então meti-o na boca de uma só vez.

Suas mãos envolveram meus cabelos e acariciam meu couro cabeludo. Eu o engolia de forma mais intensa a cada minuto, deixando-o próximo à minha garganta. Minha língua serpenteava por sua glândula em movimentos circulares.

PERIGOSAS ACHERON

— Gwen... gostosa! — gemeu.

Continuei chupando até sentir seu corpo tremendo. Seu ápice veio logo depois. Ele encostou na porta de vidro e fechou os olhos por um momento, respirando com dificuldade.

Sorri e virei de costas, espalmando as mãos sob o vidro novamente. Inclinei meu corpo para trás, deixando minha bunda em exposição. Ele acariciou meus seios e coleí minha cabeça em seu peitoral, completamente entregue. Ele não desperdiçou a abertura e me acariciou em todos os lugares, fazendo-me gemer.

Finalmente ele me pegou pela cintura com a mão esquerda, fazendo-me inclinar ainda mais minha bunda para logo depois me penetrar. Os arrepios tomaram conta do meu corpo e gemi completamente, absorta por tanto prazer.

Suas estocadas começaram lentas, dando-me tempo para me adequar, porém não demorou muito para sua velocidade aumentar, assim como a força. A cada investida, um novo gemido, um novo apertão e alguma palavra desconexa que escapava de meus lábios.

O calor era intenso. Eu estava quase

PERIGOSAS ACHERON

gozando novamente.

— Gosta que eu te pegue assim?

Eu não conseguia responder. Eu mal conseguia pensar! Só queria mais, mais daquela fricção, mais daquele som dos nossos corpos se chocando.

Gemi mais alto e mais uma vez cheguei ao clímax. Anthony estava tremendo e me apertava em seus braços. Havíamos gozado juntos.

Finalmente soltei o vidro e minhas pernas quase cederam. Anthony me deu apoio e me levou até a cama, onde deitou-se ao meu lado. Por minutos, não falamos nada, apenas ouvimos os sons de nossas respirações

Eu mal conseguia pensar no quanto aquilo tinha sido intenso. Não como se fosse a nossa primeira vez, isso não. A intimidade compartilhada parecia já conhecida. E aquilo me deixou feliz. Havia muito tempo que eu não tinha uma experiência tão boa na área amorosa e agora percebia ainda mais os meus erros.

Desliguei-me dos meus pensamentos e me foquei no homem deitado ao meu lado. Ele estava me olhando daquela forma que tinha feito no lobby

PERIGOSAS ACHERON

do hotel, mais cedo. Aquele verde me instigava.

— Você é extraordinária — sussurrou, estendendo a mão para acariciar o meu rosto.

Lágrimas encheram os meus olhos por conta de seu elogio tão sincero e subi em cima de seu corpo, recebendo seu abraço. Ele começou a massagear o meu couro cabeludo e a cantarolar uma canção baixinho.

— Eu não sabia que você cantava.

— Eu não canto — sussurrou e continuou a cantarolar.

Deixei seus carinhos me dominarem e meu corpo relaxar em cima do seu. A forma como ele cantava aquela canção de ninar era carinhosa e envolvente, e aquilo me transportou para um lugar de extrema calma.

ISAAC ME LIGOU NO MEIO DA NOITE E expliquei um pouco da situação a Anthony, que não se chateou quando me afastei um pouco para atender. Eu precisava ter uma conversa final com meu ex.

— Gwen? Onde você está? — Isaac perguntou.

— Em um hotel na Barra da Tijuca.
PERIGOSAS ACHERON

Amanhã vou passar por aí para pegar a minha bagagem.

— Sua vida seria tão infeliz ao meu lado?
— perguntou sem rodeios.

— Não seria a vida certa, não seria a vida que eu escolhi. O que eu quero, Isaac, é viver um amor avassalador, é ter alguém ao meu lado que me veja como igual. Que entenda que eu tenho o meu trabalho, os meus gostos e que vou estar pronta para me casar e construir uma família em meu próprio tempo.

— Ah, Gwen... eu achei que você já tivesse amadurecido essa ideia na sua cabeça. Você sabia o que eu queria — ele disse.

— E você também sabia o que eu queria, mas sempre achou que as suas vontades prevaleceriam sobre as minhas escolhas. Infelizmente, essa não sou eu.

— Gwen... nós poderíamos tentar nos adequar, poderíamos só tentar...

— Nós já tentamos, Isaac. Eu sinto muito, mas acabou. Vou seguir a minha vida e sugiro que você siga a sua.

Ouvi sua respiração forte no telefone.

— Tudo bem, Gwen. Deixarei a chave do quarto na recepção. Passe a hora que quiser, mas eu vou embora daqui a alguns dias, então não demore.

— Obrigada. Esse é o melhor que posso fazer, Isaac. Por nós dois.

Ele não respondeu e apenas se despediu, encerrando a chamada logo em seguida.

Anthony estava sentado, próximo a mim, e não disse uma palavra sobre o assunto. Não dava para perceber se ele tinha escutado alguma coisa.

— Você está bem? — ele perguntou quando me aproximei.

— Estou, sim. Foi o melhor, de verdade. Nós dois seríamos infelizes juntos.

— Não posso dizer que estou triste. — Um sorriso iluminou seu rosto.

OS PRIMEIROS RAIOS DE SOL JÁ ESTAVAM surgindo quando decidimos dar um passeio pela praia. Era o primeiro nascer do sol que eu presenciava no Rio de Janeiro e queria que fosse especial. Pegamos algumas guloseimas que tinham no quarto à disposição e também uma garrafa de vinho gelada e descemos para a praia da Barra.

Os postes de luz ainda estavam ligados e a rua estava silenciosa. A maioria das pessoas ainda dormiam. Caminhamos por vários minutos, até ouvirmos uma música alta vindo de um dos quiosques dali.

Ainda havia festas àquela hora? Eram quase sete da manhã!

Caminhamos até lá. Anthony estava tão curioso quanto eu e, de mãos dadas, seguimos todo o caminho.

Ao chegar ao quiosque, descobrimos que não era bem uma festa, pois estava mais para um luau e só tocava reggae. As pessoas estavam animadas e dançavam de forma lenta, como se saudassem os primeiros raios solares do dia. Era muito bonito.

Eu gostaria de ficar, se não fosse o intenso cheiro de maconha. Eu sabia reconhecer, afinal, já tinha sido uma adolescente de dezesseis anos um dia e eu não fui das mais quietinhas.

— Quer o vinho? — Anthony perguntou.

Assenti com a cabeça e continuei olhando as pessoas dançando, balançando um pouco o corpo em sintonia com a música. Estava no sangue: onde
PERIGOSAS ACHERON

tinha música, eu não conseguia ficar parada!

Eu tinha pesquisado sobre o Brasil, e a maconha não era legalizada. No entanto, ali não parecia fazer diferença, porque a cada segundo eu via um beck na mão de alguém.

Porém, foi uma garota morena que me chamou atenção.

— Jamile? — perguntei a mim mesma.

Era ela! A maluca estava dançando reggae com dois caras e fumando um dos inúmeros becks que havia naquela festa. Ela estava sorrindo e não se deu conta de que eu estava ali.

A maluca tinha me abandonado em um bar da Lapa e estava aqui fumando maconha? Onde diabos Avril conhecera essa menina? Eu não podia me esquecer de perguntar a ela.

Anthony se aproximou com duas taças e acenei para ele.

— Aquela é a Jamile. — Apontei.

Ele arregalou os olhos e soltou uma gargalhada.

— Ela estava aqui esse tempo todo?

— Isso eu não sei, mas estou feliz por termos parado de procurá-la.

Jamile já parecia estar um tanto quanto chapada, então resolvi nem falar com ela naquele dia.

Continuamos andando, dessa vez pela areia.

Caminhamos calmamente, até que a claridade ficasse mais notável. Pegamos duas cadeiras de madeira e colocamos na areia, de frente ao mar. Anthony serviu um pouco de vinho nas taças e segurou minha mão.

Nos aproximamos e observamos por minutos a fio o dia tomar cor. O céu antes escuro, era agora invadido pelo amarelo e laranja. Os pássaros começaram a cantar e a cor do mar começou a se revelar cada vez mais azul. Era tudo tão lindo, tudo tão puro.

— Estou apaixonada por esse lugar, Anthony.

Ele apertou meus dedos e beijou minha testa.

— Entendo esse sentimento. Nunca esperei que esse país fosse me trazer tantas coisas. — Desviei meu olhar do céu e foquei em seu rosto. — Gwen... O dia está começando e, sinceramente, eu nunca tinha pensado em quanto as coisas poderiam

PERIGOSAS ACHERON

mudar em algumas horas. Eu sei que ainda não nos conhecemos direito, e sei que acabamos de sair de situações complicadas, mas... você viveria um dia de cada vez? Quero dizer, comigo?

Ele estava super enrolado para falar e aquilo me fez sorrir. Era uma fofura!

Eu tinha entendido o seu temor. Nós passamos uma noite juntos, sentimos uma conexão grande, apostamos em algo divertido e intenso, algo bom. E, pelo visto, ele não queria que simplesmente acabasse ao amanhecer.

O que ele estava me pedindo não era um relacionamento, não ainda. Apenas a experiência de compartilhamento. Apenas a chance de ver se poderíamos construir alguma coisa a partir daquela noite louca.

— Eu entendi o que você quis dizer. Bem, eu não vou embora tão cedo, e nem você. Temos bastante tempo aqui no Rio de Janeiro. Seria ótimo, conhecê-lo melhor.

Ele me beijou e se afastou, tirando algo do bolso de sua bermuda branca.

— Minha família veio de Gales e lá temos uma tradição de dia dos namorados.

Ele estendeu para mim algo com uma forma inusitada. Eu já havia visitado Gales, mas não tinha prestado atenção em todas as tradições. Geralmente, eu anotava esses detalhes.

Ele me estendeu uma colher toda decorada. Havia cadeados, fechaduras e uma frase que dizia “Você roubou meu coração!”. Tudo estava com fita colorida, e estava na cara que era improvisado.

— Quando você fez isso? — Sorri e abracei-o.

— Você dormiu e eu aproveitei a chance. — Riu.

— Obrigada, Anthony. É lindo!

Meu sorriso não poderia ser maior, e aquela pequena colher toda enfeitada de forma improvisada pareceu aquecer meu peito de uma forma que presentes caros e comprados nunca haviam sido capazes.

Aquilo simbolizava a esperança que nós dois tínhamos de fazer escolhas melhores.

— Você roubou o meu coração — ele sussurrou, passando a mão pela decoração da colher. Fitou meus olhos e aproximou seu rosto do meu, beijando-me de forma doce.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você roubou meu coração — sussurrei
de volta.

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Primeiramente, preciso agradecer à minha avó, Jane, que é sempre maravilhosa e me dá todo o apoio de que mais preciso.

Agradeço ao meu namorado, Elias Gervanno, por me aguentar completamente louca com o prazo para este conto. Te amo! À Paulinha Halle, que me chamou para participar de uma brincadeira no Facebook, que me levou a escrever essa história. Ao meu time PARACETALOKAS! Camila Lima e Lunah Nunes, pois não fazem ideia de como sou grata por ter o apoio de vocês! À blogueira linda, Andressa (meuladoleitora), por me apoiar tanto com todas as minhas histórias. À Jamile, por não me processar por usar seu nome, haha.

Tatiana Amaral e Renata R. Corrêa, agradeço por me aconselharem e animarem a vir para a Amazon. Bianca Colaço, por ser uma eterna amiga. Paulo Roberto, por sempre estar disposto a me ajudar.

PERIGOSAS NACIONAIS

E a você, leitor, que se disponibilizou a conhecer um pouquinho do meu trabalho. Amo demais a energia de vocês em minhas redes sociais e pessoalmente!

E, claro, a Deus e às energias, minha enorme gratidão.

Até a próxima, Alexia Road.

PERIGOSAS ACHERON

A autora

Alexia Road escreve desde os doze anos. Sempre apaixonada por livros, começou escrevendo resenhas e *fanfics*, além de trabalhar como livreira e realizar eventos externos no Rio de Janeiro. Seu romance de estreia, *Os paradigmas de Amy*, foi publicado em 2017 pela editora Pandorga. Ela vive no Rio de Janeiro com a família e quatro gatos. Encontre-a em sua página no Facebook, Alexia Road, ou em seu site pessoal, Histórias e Memórias.